

## Artigo

### **De Torres, Teares e Tendias: Correlações entre o Feminino e o Tecer à luz da Psicologia Analítica**

### **About Towers, Looms and Tents: Correlations between the Feminine and the Weaving at the Understanding of the Analytical Psychology.**

**Oneide Regina Depret**

#### **Resumo**

Trata-se da síntese de estudo desenvolvido para obtenção do título de Especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, apresentado à Universidade Paulista (UNIP), que aborda o atributo feminino de tecer, correlacionando-o simbolicamente às histórias e à escrita, à luz da Arteterapia e da Psicologia Analítica. Para tal relata passagens do filme *Colcha de Retalhos*, relacionadas a conceitos da psicologia junguiana a fim de ilustrar a utilização de histórias como veículos para estimular a ressignificação da própria história de vida e a transformação pessoal, portanto, contribuindo para o processo de individuação, conceito central desta abordagem. Histórias marcantes num determinado momento da vida podem espelhar e traduzir aspectos que se está vivendo, e, associadas a atividades expressivas podem favorecer a ampliação da consciência, o olhar para novas possibilidades e promover a capacidade de trilhar caminhos e enfrentar os obstáculos com maior autonomia. Apresenta ainda exemplos de propostas arteterapêuticas que podem ser realizadas com histórias que entrelaçam aspectos simbólicos do feminino vinculados ao tecer - inclusive, a própria vida, associadas a atividades expressivas e criativas utilizando fios, em processos que visam ao autoconhecimento e ao crescimento psíquico em contextos pedagógicos, preventivos e terapêuticos.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Psicologia Junguiana; Tecelagem; Feminino; Histórias.

---

Psicóloga (USP), arteterapeuta (UNIP), especialista em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (UNIP). Mestre em Ciências (UNIFESP). Docente, supervisora e orientadora em cursos de Pós-Graduação Lato sensu em Arteterapia e em Mitologia Criativa, Contos de fadas e Psicologia Analítica. Atende em clínica particular, integrando Psicoterapia e Arteterapia, coordena cursos e grupos de estudo e supervisiona profissionais atuantes em Arteterapia nos contextos preventivo e terapêutico. Contato: email: [oneidepret@gmail.com](mailto:oneidepret@gmail.com) whatsapp (11) 99827 8010. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5026584993625073>

## Abstract

It is the synthesis of a study being developed in order to obtain the Specialist in Creative Mythology, Fairy Tales and Analytic Psychology title, presented at the Universidade Paulista (UNIP), which broaches the feminine weaving attribute, correlating it, symbolically, to the stories and writing, at the understanding of the Art Therapy and the Analytic Psychology. In order to do so, we relate events of the film *How to Make an American Quilt*, related to the Jungian Psychology concepts in order to illustrate the utilization of stories as being vehicles in order to stimulate the re-meaning of the life history itself and the personal transformation, thus contributing to the individuality process, which is the main concept of this approach. Marking stories at a certain moment in life are able to reflect and express aspects that a person is living, and, linked to expressive activities, are able to favor the perception amplification, the seeking of new possibilities and to promote the capacity to follow roads and face obstacles with greater autonomy. It also presents examples of therapeutical art proposals that can be performed with stories that interlace feminine symbolic aspects linked to the weaving – inclusively, to life itself, linked to expressive and creative activities utilizing strings, in processes that seek self-knowledge and psychic growth in pedagogic, preventive and therapeutic contexts.

**Key words:** Art Therapy; Jungian Psychology; Weaving; Feminine; Stories.

## Resgatando os fios: Retomando o caminho pessoal

Há muito me interesse por histórias! Refletindo sobre o meu percurso de vida encontrei muitas histórias que me marcaram, tanto em livros quanto em filmes, em diferentes fases. Acredito terem espelhado e traduzido aspectos que estava vivendo, mostrando-me possibilidades que não via e ajudando-me a trilhar caminhos e enfrentar os obstáculos como heroína da minha própria jornada. Percebo que várias delas entrelaçam aspectos do feminino vinculados a um dos seus atributos simbólicos, a capacidade de tecer - inclusive, a própria vida - o que me motivou a apresentá-las, neste estudo, propondo atividades expressivas que podem estimular seu potencial terapêutico.

Joseph Campbell (1990), renomado mitólogo, diz que ao trilharmos o caminho do herói - ou processo de individuação para Jung - nos aproximamos de toda a humanidade. Acreditando que as histórias que nos tocam fornecem pistas para encontrarmos nossos próprios caminhos, espero que estas reflexões possam inspirar o leitor a olhar para suas histórias prediletas com atenção e carinho, sabendo que nelas podem estar o mapa e as chaves que o levarão ao seu tesouro.

Em meu percurso profissional tenho constantemente a oportunidade de observar e compartilhar das angústias e expectativas de pessoas empenhadas em buscar novo sentido para suas vidas. E em todos os casos tenho percebido o poder que as histórias aliadas aos recursos expressivos e criativos têm de emocionar, resgatar sentimentos, estimular potenciais e mostrar novas possibilidades existenciais.

Em meu próprio processo de estudo, pesquisa e atuação profissional, identifiquei um fenômeno mencionado por Furlanetto (2008), quando relata situações em que pesquisadores se deparam com imagens simbólicas, como metáforas, que passam a definir ou interferir na condução de seus trabalhos. Por isso, mais uma vez, optei por utilizar as imagens simbólicas representadas tanto pelo filme “Colcha de Retalhos” quanto pelo processo de tecelagem manual como fios condutores deste texto.

## **Escolhendo os fios: reflexões sobre a tecelagem manual**

Recorro a Chevalier e Gheerbrant (1990) para falar da tecelagem do ponto de vista simbólico. Segundo os autores, tecido, tear, roca, fuso, e atividades como fiar ou tecer, são todos símbolos do destino e designam tudo o que rege ou afeta o destino dos homens. Além disso, importantes deusas, em várias mitologias, “trazem na mão fusos e rocas e controlam, não somente os nascimentos, mas o decurso dos dias e o encadeamento dos atos.” E arrematam: “Fiandeiras e tecelãs abrem e fecham indefinidamente os ciclos individuais, históricos e cósmicos.” (p. 873)

Atena, na Mitologia grega, é a deusa que ensinou à humanidade, entre outras técnicas, a tecelagem (BOLEN, 2005). Faz sentido: tecer exige estratégia, planejamento, organização, atributos da deusa da sabedoria e da guerra, além de paciência.

Agora, recorro à minha própria experiência para falar da tecelagem manual concretamente. O urdume ou urdidura é a base do tecido, se constitui de muitos fios cortados com o mesmo tamanho e dispostos meticulosamente, ordenados segundo um esquema pré-estabelecido e fixados nas duas traves (bobinas) do tear. O número e comprimento dos fios são calculados dependendo das dimensões que se pretende que a peça finalizada tenha. Definido e colocado no tear, o urdume não é mais alterado. Ele é o suporte do tecido e, dependendo da técnica utilizada, pode desaparecer na peça pronta.

Faço um paralelo com o destino, com a linha da vida, pois alguns aspectos da nossa vida são fundantes, previamente dados, imutáveis: condições de nascimento e

infância, constituição física, família de origem, para falar de alguns. Formam a nossa base, embora nem sempre estejamos conscientes disso.

Mas depois a individualidade, a criatividade e habilidade do artesão podem se manifestar: iniciamos a trama, onde podemos escolher a qualidade, a cor, a textura dos fios utilizados. Estes podem ser alterados, trocados, acrescentados, substituídos a qualquer tempo. Podemos também colocar apetrechos, intercalar com materiais diversos, incorporados ao bel prazer do tecelão, tanto enriquecendo, quanto às vezes, sobrecarregando o aspecto final. A trama pode até ser “desmanchada” para acertar algo que “não deu certo” ou não nos agradou. Parecem corresponder aos fatos, às decisões e atitudes que, conscientemente ou não, escolhemos e vivemos as consequências. Mas sempre podemos nos responsabilizar por elas e, tomando os fios da vida nas mãos, recomeçar, de modo diferente, mais compatível com o momento vivido.

É o que faz a Moça Tecelã da história criada por Marina Colasanti (2004), quando não se sente satisfeita com o rumo que sua vida tomou.

Aliás, além desta, são muitas as histórias que fazem a relação entre o que vivemos, a trama da nossa vida e os trabalhos com fios, como bordado, costura ou tecelagem, a começar pelo mito grego das três fiandeiras do destino, as Moiras.

### **Montando a urdidura: apresentando a fundamentação teórica**

A partir do referencial da Psicologia Analítica podemos utilizar mitos, contos de fadas, sonhos e expressões artísticas como recursos para favorecer o acesso a

conteúdos e potenciais inconscientes, com o intuito de enriquecer a consciência e tornar o ser humano mais íntegro e saudável (JUNG, 1986).

Jung considera como a maior tarefa da vida, o que chama de processo de individuação, que pode ser definido simplesmente como “tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas”. Porém, sendo a psique formada por forças opostas, às vezes com conteúdos conflitantes há momentos em que a tensão entre eles se torna insuportável (SILVEIRA, 2003, p.77-8).

Freitas (1987) esclarece que no processo de individuação é importante encontrar-se uma forma de favorecer a efetiva comunicação entre o inconsciente e a consciência, a fim de promover a ampliação e progressiva estruturação desta. Embora a comunicação fluida entre consciência e inconsciente seja uma dificuldade encontrada pela maioria das pessoas no decorrer da vida, é possível que algumas encontrem a possibilidade de um frutífero diálogo interno quando conseguem superar as crises de forma construtiva, encarando-as em seu potencial criativo.

Tanto na prática de psicoterapia individual, quanto na coordenação de grupos de Arteterapia, observo que muitas pessoas procuram estes atendimentos quando percebem, de alguma maneira, que suas vidas carecem de significado ou se sentem solitárias, sem espaço adequado para expressar sentimentos e partilhar experiências, tendo a impressão de que apenas elas enfrentam estas questões. Em concordância, Whitmont (1991, p.46) afirma que “a perda do significado e da esperança resulta em depressão e enfermidades”. Mas aponta um caminho de cura quando diz que, mesmo quando as situações causadoras de sofrimento são altamente pessoais, ainda assim representam variações de temas recorrentes da humanidade e podem ser traduzidas,

ampliadas e vistas sob outra perspectiva a partir do contato com as verdades arquetípicas expressas pelos mitos e outras linguagens simbólicas.

Bolen (2005) afirma que o trabalho com histórias visando promover o autoconhecimento se justifica porque estas abordam temas de nossa herança coletiva, despertando sentimento e imaginação. Dessa forma, os mais antigos mitos e contos de fada continuam presentes e relevantes, porque refletem experiências compartilhadas pela humanidade.

Complementando, nas palavras da Bernardo (1999, p. 220),

Assim como a arte, os mitos e contos de fadas podem ser vistos como formas de apreensão, organização e representação de vivências, propiciando a amplificação de temas importantes para o desenvolvimento individual e coletivo. Dentro dessa perspectiva, pode-se, através de uma pesquisa simbólica, fazer analogias entre eles e diversas fases e momentos desse desenvolvimento, sem contudo perder de vista que cada conto, assim como cada obra de arte, por veicular forças que transcendem a consciência individual e o momento histórico em que foram criados, prestam-se a infinitas recriações e interpretações (sem que nenhuma esgote suas mensagens ou dê respostas definitivas às questões por eles propostas).

Encerro este trecho trazendo um conceito importante quando se pensa no uso das histórias como forma de retramar o próprio destino. Trata-se do conceito de mito pessoal, assim definido por Feinstein e Krippner (*apud* ANGWIN, 1996, p.120):

uma constelação de crenças, sentimentos e imagens organizada em torno de um tema central. Os mitos pessoais explicam o mundo, orientam o desenvolvimento pessoal, fornecem direcionamento social e voltam-se para as necessidades espirituais da mesma maneira que os mitos culturais exercem essas funções para toda uma sociedade. Pode-se definir a mitologia pessoal como o sistema de mitos pessoais complementares e contraditórios que informa a noção de realidade de um indivíduo e orienta-lhe as ações.

Para estes autores, “se não temos conhecimento da nossa mitologia pessoal, somos por ela levados de uma forma inconsciente”. Isto se dá porque nossa consciência é estruturada por nossos mitos pessoais, influenciando nossa percepção

e os caminhos que seguiremos. Afirmam ainda que “confundimos aquilo que existe objetivamente no mundo com a imagem do mundo que as nossas lentes distorcidas nos fornecem” (FEINSTEIN; KRIPPNER, 1994, p.11)

Angwin (1996) complementa o que foi exposto, esclarecendo que não se trata de um mito, mas de um sistema de mitos que tenha relação com as questões centrais da vida de uma pessoa, formado por histórias que se complementam ou contradizem. De qualquer maneira, podem servir como pistas, como chaves que “por falarem tanto a nosso subconsciente, [...] têm a propriedade tanto de limitar-nos quanto de libertar-nos, a depender de quais sejam e do grau de identificação (sempre inconsciente) que estabelecemos com eles” (p.121).

Assim, descobriremos o “mito que representa nosso sistema pessoal de crenças pode ajudar-nos a identificar o ponto ao qual estamos presos, além de dar-nos a opção de redesenhar nossos mapas” (ANGWIN, 1996, p.122), ou, como disse antes, “desmanchar” o que já não nos serve e tecer novas tramas existenciais.

### **Tecendo a trama: entrelaçando teoria e narrativa**

Desde muito tempo me emociono com o filme “Colcha de Retalhos”, assim, para ilustrar os conceitos apresentados e a proposta deste estudo resolvi refletir sobre o que ele tem a ver comigo – e quem sabe, com você também, caro leitor...

Como nos contos de fadas, vejo neste filme elementos e passagens que parecem ter conteúdo simbólico porque retratam situações arquetípicas, que pertencem à história de todos nós. Porém, os símbolos são inesgotáveis, têm infinitas possibilidades de interpretação, dependendo do momento em que se entra em

contato com eles. Assim, pretendo apenas tecer considerações, propor correlações e paralelos entre seu enredo, pressupostos teóricos da Psicologia Analítica e a utilização de histórias e recursos expressivos em grupos de Arteterapia.

O filme retrata um grupo de senhoras envolvidas num projeto comum: confeccionar uma colcha de casamento para presentear a neta de uma delas, a quem conhecem desde criança. A própria imagem da “colcha de retalhos” já é sugestiva: parece remeter à ideia de que as experiências, os conhecimentos, as lembranças, os sentimentos e emoções, todos podem ser vistos como os *tecidos* que vão sendo colecionados ao longo da vida. Cada retalho poderia ser visto como um símbolo novo que se vivencia e é integrado pelo processo de elaboração simbólica, segundo Byington (1987), trazendo crescimento psíquico e ganho de autoconhecimento, conseqüentemente, possibilidade de evolução e transformação pessoal.

Gosto de imaginar que estes retalhos podem estar guardados em vários lugares da nossa casa/psique: alguns ficam espalhados pelos cômodos ou nas gavetas em que mexemos toda hora, às vezes nem os notamos por fazerem parte do cotidiano; outros talvez estejam no porão, onde colocamos o que quase não usamos e acabamos esquecendo, ou ainda no sótão, onde fica aquilo que vem sendo acumulado por gerações ao longo dos anos, heranças de família que podemos não ter conhecimento. Para mim, os cômodos mais usados da casa parecem representar a nossa consciência, o que nos é visível e conhecido; o porão poderia corresponder ao inconsciente pessoal, experiências esquecidas, aparentemente sem importância ou mesmo desagradáveis ficam por lá, na sombra: quinquilharias misturadas com preciosidades. Já o sótão, a mim parece representar o inconsciente coletivo onde a

bagagem herdada da humanidade se encontra, em forma de arquétipos e símbolos. Se vasculharmos bem, com a lamparina da consciência, podemos encontrar tesouros inimagináveis!

Seguindo a analogia da confecção da *colcha*, aos poucos, recortando os tecidos, descartando o que não nos interessa e destacando o importante, vamos unindo os retalhos e formando um conjunto que se pretende coerente e bonito, como a *nossa colcha*. Talvez seja esse o grande propósito da vida: descobrir, juntar e costurar os retalhos e, quando o fazemos com equilíbrio e harmonia, chegarmos à individualização, ao processo de nos tornarmos inteiros e únicos, como ensinou Jung. Aliás, equilíbrio e harmonia é o segredo para se confeccionar uma bela colcha, diz a mestra do filme. Também não é este o desafio para se atingir a individualização? Integrar opostos, sermos inteiros, sem nada exagerar ou excluir, como já disse o grande poeta. Velhos pedaços unidos com arte, adquirindo utilidade e novo sentido, num processo constante de autoconhecimento e transformação! É realmente tarefa para a vida inteira!

Quem conduz o *fio* da narrativa que constrói a *trama* é a personagem Finn, jovem de 26 anos, que se vê diante de duas situações que podem representar *ritos de passagem* contemporâneos: o término de uma tese acadêmica e a proposta de casamento. Aparentemente, tem dificuldade com finalizações: é a terceira tese que tenta fazer, sempre acaba se desinteressando antes de terminar e começa outra. “Quando estou para acabar resolvo mudar de assunto”, ela diz.

Já seu namorado Sam parece não temer mudanças: está “*demolindo e reconstruindo*” a casa onde moram. Pediu-a em casamento, em seguida, ela decide

passar o verão com a avó e a tia. Ele a leva, ao se despedirem ela pede que vá buscá-la em setembro. Parece que quer os *“três meses para por a cabeça em ordem”*.

Não por acaso decide por esse lugar: é onde passava as férias de sua infância, para lá ia quando sua mãe resolvia *“viajar com algum namorado”*. O casamento de seus pais durou pouco, *“às vezes o amor simplesmente morre”*, foi o que lhe disseram. As perguntas que lhe perturbam nesse momento de vida são: como saber se achou a *“pessoa certa”* ou como *“virar um casal” sem perder a individualidade?* Será que alguém de nós consegue escapar delas? Na bagagem que leva encontra-se uma foto dela com o namorado e uma da festa de casamento dos pais, além da máquina de escrever. Passado e presente se misturam. Finn procura a terra de sua infância, suas raízes, como para se nutrir e fortalecer antes de tomar as decisões necessárias.

Em Grassi – é esse o nome do lugar – reencontra mulheres que fizeram parte da sua história, como a mal humorada Sophia que a assustava quando criança, ou a misteriosa Mariana, que lhe ofereceu uma taça de vinho quando menstruou pela primeira vez. Novamente a referência a ritos de passagem, celebrações que marcam períodos de transição significativos, como essa taça de vinho e a foto da festa de casamento dos pais.

Finn descobre que o grupo de amigas da avó está preparando uma nova colcha como presente de casamento para ela própria. (E ainda não estava decidida quanto a isso!). No decorrer dos dias, Finn vai conhecendo as diferentes histórias de vida daquelas mulheres, e tem a oportunidade de, inspirada por elas, encontrar respostas para seus próprios conflitos. Como se as mulheres mais velhas lhe oferecessem algo da própria experiência e sabedoria como possíveis *“mapas de viagem”*. Afinal o roteiro

de nossas vidas não muda muito, as grandes questões com que nos deparamos são arquetípicas.

Percebo um paralelo entre o que o filme nos mostra e o que vejo ocorrer nos grupos de Arteterapia. Costuma acontecer assim: a partir de um mito, conto ou tema – como no filme - cada pessoa busca em si suas próprias referências (que podem estar no porão, no sótão ou nos demais locais da casa/psique) e as expressa criativamente, utilizando os recursos disponíveis. Os materiais são escolhidos por corresponderem aos símbolos da história ou assunto focalizado, por estimularem e por facilitarem a expressão dos conteúdos a eles associados. Num segundo momento, cada pessoa olha o próprio trabalho e nele procura se ver, como num espelho, tentando perceber que imagens se formaram ou que “mensagens chegaram”, como se os dois *eus* se encontrassem – o consciente e o inconsciente – e pudessem dialogar (BERNARDO, 2008). Quase invariavelmente, a partir daí passam a ocorrer trocas de experiências, as pessoas falam de si e do que percebem das outras, contam e reveem trechos de sua própria história, compartilham impressões e vivências, encontram pontos em comum ou identificam diferentes pontos de vista, descobrem atitudes parecidas ou completamente opostas diante de situações similares.

É mais ou menos isso o que observamos ao acompanharmos a transformação das mulheres do *clube de costura* enquanto criam quadros de pano representando suas experiências amorosas. Explico: “*Onde mora o amor*” é o tema da colcha e para confeccioná-la, cada uma elabora um quadrado em que representa algo de sua

vivência afetiva, assim lembrando e refletindo sobre sua própria história amorosa, para expressá-la plasticamente num retalho de tecido.

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que as mulheres se lembram dos fatos vividos, parceiros, frustrações e alegrias, e expressam esses conteúdos na atividade criativa, passam também a ocorrer profundas alterações na maneira de encararem estes aspectos. Nesse processo de reconstrução da história de vida parece ocorrer a ressignificação das experiências vividas, expressão de sentimentos e emoções, e mudança de perspectivas e atitudes: as irmãs se reconciliam, enquanto as outras resgatam a alegria, a autoestima ou a própria identidade.

Embora todas as histórias sejam interessantes, destaco aqui a de Sophia, a primeira a ser apresentada. Estavam Finn, a tia e a avó à beira da piscina do clube, quando veem a amiga nadando e reclamando por uma criança ter saltado do trampolim. Finn comenta que Sophia *“continuava a assustar as crianças”*, numa alusão à própria infância.

As mulheres passam a recordar e vemos Sophia, jovem e linda, vestida com maiô preto e touca branca, saltando daquele mesmo trampolim e sendo admirada por um belo rapaz forasteiro, que a compara a uma sereia. Apaixonam-se. Segue-se uma linda cena em que ela o leva a um lago paradisíaco, rodeado de densa vegetação, onde costumava nadar. Ele, geólogo, lhe fala da paixão pelas rochas, especialmente onde *“se encontram com as águas”* criando *“os efeitos mais espetaculares. Não há nada como a água para desgastar uma montanha e abrir os segredos dela pra você.”* Fazem planos de viajarem pelo mundo, ele estudando as rochas e ela nadando nos

rios. Bela imagem para a união dos opostos, homem/mulher, terra/água, consciente/inconsciente, não?

A próxima cena mostra o agora marido saindo para viajar, um bebê e S. demonstrando insatisfação por ser deixada de lado e medo de ser abandonada por ele – como aparentemente aconteceu com sua mãe. Ouve a promessa de que, “quando o bebê crescer” poderá acompanhá-lo nas viagens. Logo a seguir, vemos S. com mais dois filhos, amarga, dizendo para a filha já adolescente que “nem sempre conseguimos o que queremos”, distante do marido que tenta lhe agradar construindo um pequeno lago no jardim, ao qual ela não dá a menor atenção. Num determinado momento ele lhe pergunta por que nunca mais foi nadar ao que ela responde: “porque me tornei sua esposa, eu acho”. Mais tarde, parece que ela percebe o distanciamento entre eles e tenta resgatar algo que se perdeu, quando, no meio da noite, fala ao marido para irem nadar naquele lago, mas ele está dormindo e não a ouve. Mais algumas cenas até sabermos que ele a abandona. Interessante observar que ao sair, ele leva consigo o retrato dela como nadadora. Talvez ainda amasse aquela jovem e não mais a reconhecesse na esposa e mãe de seus filhos.

Não posso deixar de lembrar-me da deusa grega Ártemis, livre, identificada com a natureza selvagem. Se pensarmos nesse mito como representando um arquétipo da psique feminina, relacionado a um tipo específico de comportamento, a jovem Sophia me parece personificá-la. Mas algo deu errado na sua proposta de vida. Ártemis escolheu permanecer virgem, por recusar-se a ser mãe e perder sua liberdade (BOLEN, 2005), e parece que esse teria sido o caminho de S. se a maternidade precoce e, provavelmente não escolhida, não a tivesse privado

abruptamente de seu sonho de viajar e conhecer mundo. Talvez tenha perdido algo da própria identidade, abriu mão do que lhe era essencial e assumiu os papéis sociais de esposa e mãe (*persona*).

Talvez por aí consigamos entender sua amargura e ressentimento durante o casamento, como se vingando do homem que a “aprisionou”; sua implicância com as crianças quando se mostram livres ou se divertem e vários de seus comentários, tanto com a filha adolescente, ao lhe dizer que nem sempre se pode ter o que se quer, como depois também com Finn. Talvez esteja havendo algo que costuma acontecer quando temos que reprimir um impulso ou desejo: pode ser que esse conteúdo não assimilado vá para a sombra; sendo inconsciente, é projetado nos outros. Daí o incômodo quando se vê alguém tendo o direito de fazer aquilo que não pudemos, no caso, a liberdade, ou a atitude de “cobrar” do outro aquilo que não fizemos, o uso de anticoncepcivo, por exemplo. É Sanford (2004) quem esclarece que “a projeção é um mecanismo psíquico que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado.” (p.17) Apenas material inconsciente é projetado, portanto, assim que a projeção seja reconhecida, este pode, até certo ponto, ser assimilado pela consciência, pois “podemos usar projeções como espelhos em que vemos o reflexo de nossos próprios conteúdos psíquicos” (p.19).

No decorrer do filme, começamos a identificar uma mudança na postura de Sophia. Talvez por ter tido a oportunidade de relembrar a própria história, embora não a tenha relatado; ou por ter elaborado uma imagem através da costura, mas no seu caso específico, parece que houve algo mais. Quando ocorre uma ventania - que simbolicamente pode ser associada a momentos de transformação - como ensina

Bernardo (2010) ao fazer a interpretação simbólica do conto *O quadro de pano* (BONAVENTURE, 1992) - e a tese de Finn se espalha pelas redondezas, algumas folhas chegam ao quintal de S. que passa a recolhê-las. Uma delas cai naquele antigo e desprezado laguinho, então S. descalça os chinelos e pisa na água, apanha a folha de papel e se senta à beira do lago, Fico imaginando o que teria se passado, que lembranças o contato com a água poderia ter lhe trazido. Água simboliza o inconsciente, o mundo dos sentimentos, um elemento familiar na sua juventude, mas de alguma forma abandonado. A água purifica, dissolve a rigidez, cura feridas. (BERNARDO, 2010). Depois disso vemos uma Sophia mais simpática, com o cabelo solto, contando a Finn que recolheu algumas páginas, as passou a ferro porque estavam amarrotadas e as entregou à avó. Não ficou apenas nesse ato de gentileza aparentemente incomum: fez questão de dizer que leu o que pôde e gostou, desejando ler o trabalho todo. E ainda mais surpreendente, disse que Finn é “*uma boa escritora*” e – aí percebemos o que aconteceu – emendou: “*eu era mergulhadora*”. De alguma forma parece ter ocorrido o resgate da própria identidade, da autoestima perdida, algum bloqueio foi dissolvido: “o encontro da água com a rocha cria efeitos espetaculares”. Em linguagem simbólica a lição do geólogo também se aplica nesse caso: “*nada como a água para desgastar uma montanha e mostrar seus segredos*”. Mais adiante vemos Sophia rindo e jogando a cabeça para trás, num gesto jovial, enquanto representa uma jovem nadando no seu quadro de pano, ao mesmo tempo em que se recorda do primeiro encontro com o marido. O tecido que utilizou para simbolizar a água era um pedaço do vestido que usava naquela ocasião. A última cena do filme, linda por sinal, mostra a madura Sophia sozinha, vestida com maiô

preto e touca branca, ao amanhecer, saltando do alto do trampolim num belo mergulho nas águas.

No correr do filme, uma a uma, Finn ouve as histórias relatadas pelas próprias protagonistas, a sós; com exceção da de Sophia, como já disse. Ao mesmo tempo em que cada mulher retoma e se apropria de sua experiência, transformando-se nesse processo, a heroína Finn vai incorporando e assimilando toda essa riqueza, desconstruindo ideias pré-concebidas, atualizando potenciais, vislumbrando novas possibilidades e caminhos. Parece ter encontrado, a partir da sabedoria evidenciada nos relatos das histórias e experiências vividas pelas mulheres mais velhas, referências e novas maneiras de enfrentar sua própria crise existencial. Penso poder relacioná-la ao *ego*, à consciência tendo que dar conta dos desafios da vida cotidiana e sendo “alimentada” pela sabedoria ancestral.

Guttmann (2004) fala que a função terapêutica das histórias pode ocorrer quando se escuta, cria, conta ou lê - e me permito incluir, também quando se assiste a um filme -, já que elas “trazem imagens que se passam dentro de nós, [...] com nossos valores, buscas, conflitos e necessidades. Elas atualizam as dimensões pessoais de cada um, possibilitando a consciência e a transformação” (p.259).

Parece ter sido o que aconteceu com Finn, ao ter contato com toda essa riqueza. Além disso, talvez, para a jovem essa vivência tenha proporcionado também a sustentação necessária para o enfrentamento do período de crise, já que, segundo Freitas (1987), nossa sociedade não garante espaço coletivo onde se possam elaborar adequadamente os momentos de passagem. Parece que o contato com as diferentes histórias e experiências das senhoras, representadas nos retalhos que

confeccionaram, proporcionou à jovem protagonista que fosse, aos poucos, se questionando, reformulando suas posições, assimilando padrões e aprendendo; assim como nós, num processo de autoconhecimento, vamos tomando contato com as várias ‘personagens’ dentro de nós.

Esse processo se explica, segundo Bernardo (2006), porque entrar em contato com diferentes histórias “favorece que tomemos um distanciamento de nossa realidade e suas circunstâncias”, permitindo-nos ampliar a visão a respeito de nós mesmos e da situação atual, e atribuir novos significados à nossa própria história. Assim, ao nos colocarmos no lugar de personagens, seja lendo ou ouvindo um conto ou assistindo a um vídeo “nos descentralizamos para podermos nos enxergar como um outro de nós mesmos, abrindo-se a oportunidade do diálogo interior e da aproximação com os nossos sonhos” (p. 20).

Creio ser possível também fazer uma analogia com a proposição de Whitmont (1991), no sentido de que conhecer e identificar os padrões arquetípicos representados em sonhos, contos e mitos e interpretá-los simbolicamente, favorece a aquisição de maior consciência e compreensão acerca de sentimentos, motivações, impulsos, atitudes e potencialidades a serem desenvolvidas. Nas palavras do autor: “... pode nos proporcionar *insights* de rara profundidade a respeito de fatos e dinâmicas que transcendem nossa percepção consciente e nossos recursos de informação” (p. 47).

No final do filme, vemos a heroína sendo “presenteada com a Colcha, fruto do esforço conjunto e da integração de forças tão distintas; ela a coloca nos ombros,

como um manto, assimilando e se apropriando de toda a riqueza [e sabedoria] ali representada” (DEPRET, 2005, p.95).

A protagonista sai então para encontrar o noivo, ao amanhecer. Junta-se ao *masculino*, integrando as duas polaridades numa união amorosa e criativa, pronta para responder aos desafios de sua vida e “tecer” seus caminhos rumo à autorrealização de maneira mais saudável.

Bem, pelo menos, até que novos desafios se apresentem, exigindo o reconhecimento e a integração de novos símbolos, a alteração de posturas e, por conseguinte promovendo maior amadurecimento psíquico.

A seguir, apresentarei exemplos ilustrativos de atividades expressivas com fios a partir de histórias que têm em comum heroínas cujas vidas são correlacionadas ao atributo de tecer. São propostas que podem ser aplicadas a pessoas de idades variadas e em diferentes contextos, de cunho preventivo, terapêutico ou pedagógico, com o objetivo de auxiliar a ampliação de consciência e a obtenção de recursos psíquicos adequados ao enfrentamento de questões existenciais:

### **1. Confecção de panô a partir do conto predileto ou história significativa.**

Retomando o conceito de mito pessoal apresentado anteriormente, Angwin (1996) sugere “que as histórias que ouvíamos quando crianças e que ainda têm muito ‘valor’ para nós, atraem-nos ou nos fazem tomar partido, têm alguma conexão com o nosso tema central” (p.121).

A partir disso, podemos propor a atividade de *confecção de um panô* (BERNARDO, 2010), recurso indicado para tratar de questões relativas aos vínculos

e relacionamentos, além de possibilitar uma visão mais ampla e a atribuição de “novos significados à nossa história de vida” (p.146).

Material: juta, fios diversos, retalhos de tecidos, botões, lantejoulas, linhas e agulha, cola, apetrechos diversos, etc.

**2. Confeção de panô a partir do conto FÁTIMA, A FIANDEIRA** (Conto popular grego, recontado por Regina Machado, 2004).

Fátima viveu vários revezes na vida, mas em cada situação de crise aprendeu uma nova habilidade, o que lhe possibilitou ao final ser a única pessoa a construir uma tenda especial para o imperador. Propus a atividade de confecção do panô (BERNARDO, 2008) a partir desta história para um grupo de profissionais da Saúde com o objetivo de favorecer “um olhar mais amplo a respeito do caminho de vida percorrido, dando novo sentido ao que já foi vivido e enxergando novas saídas para os conflitos enfrentados” (DEPRET, 2015, p. 54).

**3. Atividade de tecelagem a partir do conto A MOÇA TECELÃ** (Marina Colasanti, 2004)

A heroína desta história, após tecer e materializar na realidade todos seus desejos, dando-se conta de que já não estava tão feliz, tirou a linha da navete e, fazendo o movimento contrário, passou a desmanchar todo o tecido. Ao final, com um sorriso, colocou linha nova e passou a tecer novas paisagens.

Proposta: Confeção de uma pequena peça em tecelagem com as cores e fios que escolher, com o objetivo de favorecer o olhar para a própria história, enfatizando

o protagonismo, a capacidade de *tomar os fios da vida nas próprias mãos* e retramar o destino.

Material: pequeno tear de bandeja de isopor, papelão ou montado em uma caixa; barbante/ fios para o urdume; fios coloridos de diferentes espessuras; agulha de tapeçaria; apetrechos para aplicar.

**4. Atividade de tecelagem a partir do conto A INFINITA FIANDEIRA** (Mia Couto, 2009)

História de uma pequena aranha que tinha o estranho hábito de tecer suas teias criativamente e por prazer, causando preocupação em toda a família. Não lhes dava utilidade, fazia-as “por arte”.

**Proposta:** Fazer um marcador de páginas com tecelagem, com o objetivo de promover o contato com a própria capacidade de criar: um texto, uma pesquisa, a própria vida..

#### **Arrematando: Considerações finais**

Como Penélope, poderia ficar aqui tecendo, ou melhor, escrevendo e buscando histórias indefinidamente, mas já é hora de arrematar, colocar um ponto final e abrir espaço para novas narrativas!!

Quem sabe, esse texto tecido com carinho possa ter inspirado a você, leitor, a remexer no porão ou sótão, a procura de belas histórias, lembrando as que conhece e abrindo-se para novas, com a certeza de que assim estará contribuindo para seu próprio crescimento e o de toda a humanidade!



Assim espero!!

**Data de recebimento: 30.01.2020**  
**Data de aceite 1º parecerista: 09.06.2020**  
**Data de aceite 2º parecerista: 18.08.2020**

## REFERÊNCIAS:

ANGWIN, R. **Cavalcando o dragão – o mito e a jornada interior**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos**. Vol I: **Temas centrais em Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2008.

\_\_\_\_\_ **A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos**. Vol V: **A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia**. São Paulo: edição do autor, 2010.

\_\_\_\_\_ **Do caldeirão de sementes à harpa encantada**. In: VIEIRA, M. C. T., VICENTIN, M. C. G., FERNANDES, M. I. A. (org). **Tecendo a Rede: trajetórias da Saúde Mental em São Paulo**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 1999, p. 215-232.

\_\_\_\_\_ **Oficinas de Criatividade: desvelando cosmogonias possíveis**, in: Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida vol. 2 – artigo especial, p. 8 a 23. (in: [www.brasilcentralarteterapia.cjb.net](http://www.brasilcentralarteterapia.cjb.net), acessado em 31/05/2006).

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 2005.

BONAVENTURE, J. **O que conta o conto?** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

BYINGTON, C. A. **Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: Ática, 1987.

CAMPBELL, J. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT. A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COLASANTI, M. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEPRET, O. R. **Arteterapia: as deusas gregas e o “fazer arte” num processo de autoconhecimento ou “como fazer uma Colcha de Retalhos”**. São Paulo, 2005.

Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Arteterapia). UNIP.

\_\_\_\_\_. **Participando de um processo de Arteterapia: uma vivência surpreendente, gratificante e terapêutica para o profissional de saúde**. São Paulo, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo.

FEINSTEIN, D.; KRIPPNER, S. **Mitologia Pessoal: A Psicologia Evolutiva do Self**. São Paulo: Cultrix, 1994.

FREITAS, L. V. **A psicoterapia como um rito de iniciação: estudo sobre o campo simbólico através de sonhos relatados no self terapêutico**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

FURLANETTO, E. C. **Os caminhos de construção de uma pesquisa simbólica**. Em: SOUZA, E. C., PASSEGGI, M. C. (org.) **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GUTTMANN, M. **A criação literária na arteterapia** (nas páginas das histórias e da poesia). Em: CIORNAI, S. (org.). **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico**,



arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte. São Paulo: Summus, 2004. V. 63.

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

MACHADO, R. **O Violino Cigano e outros contos de mulheres sábias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANFORD, J. A. **Os Parceiros invisíveis**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

WHITMONT, E. C. **O Retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1991.